

JORNAL: CORREIO DA MANHA LOCAL: GUANABARA

DATA: 28 / 4 / 1970 AUTOR: JAYME MAURICIO

TÍTULO: _____

ASSUNTO: CYBELE VARELA ALUNA DO IVAN NO COPA

plásticas

Figura e participação: Cybele, no Copa

— Pode ser que antes de uma pessoa com roupa amarela surgir em um espaço, o amarelo já esteja lá — diz Cybele Varela, a jovem pintora que inaugura amanhã uma exposição no Copacabana Palace, enfocando o que ela diz ser o seu interesse pelo tempo em relação à forma.

— Um rosto está em linhas para outro que está para o de todo o mundo. As formas se interligam e é isso que estou procurando dizer em meus trabalhos atuais — acrescenta em linguagem simples, acessível. Para facilitar o movimento e as situações cambiantes de que tanto gosto, parti dos jogos de dados infantis, quebra-cabeças, e fiz quadros dos quais todos podem participar movimentando suas peças à vontade — e assim recriar o espaço.

FLASH-BACK

— Petropolitana de apenas 26 anos, quando aluna das Vicentinas, interpretou em grandes telas os chapéus de abas largas das freiras e com isso recebeu prêmio da crítica — Jovem Arte Contemporânea. Recebeu em seguida a boa orientação de Ivan Serpa. O Brasil estava com sucesso para Cybele, mas a vontade de ir além foi maior: embarcou para Paris. E lá não foi às academias — foi para o ateli-

er de Le Parc, o cinético, e para Michel Laclotte. Por lá os críticos disseram que ela “sabia ritmar a modulação colorida de um espaço”.

Diz a expositora que sua temática sempre foi figurativa: infância, jogos infantis, corridas na praia, lirismo adolescente. Já mais experiente e vivida, passou a especular com a figura humana nos aglomerados, na massa.

— Atualmente, tento um figurativismo simbólico, talvez irônico, guardando, porém, vestígios do lirismo anterior.

Cybele Varela é artista militante e séria. Temos visto vários aspectos de seu trabalho, que evolui constantemente — salões, bienais, júris etc. Vamos agora ver o resultado de tanta investigação, tanto trabalho de um talento jovem que sabe procurar um caminho muito pessoal e coerente. As 21 horas, amanhã, no Copacabana.

Jayme Maurício



● Cláudio Chaves inaugurou sua Mini-Gallery, na Francisco Otaviano 67, loja B, com um coquetel para a Imprensa, sexta última. Bom projeto de Sérgio Rodrigues. A galeria é especializada em miniquadros de 22 x 16.

● Frederico Moraes realizou um movimento “Do Corpo à Terra” em Belo Horizonte, entre 17 e 20 de abril. Positivo. Cresce o número dos críticos que realizam e não teorizam apenas.

● Regina Nogueira, agora na Galeria da Praça, anuncia com o elã habitual, uma exposição de Orlando Teruz, no dia 5 de maio. “Tudo especialmente pintado para esta exposição que vai ser uma loucura”, diz ela.

● O arquiteto Francisco Bolonha assume a direção da Escola de Desenho Industrial com a viagem de Carmem Portinho à Europa e ao Japão. Todo mundo está muito alegre — Carmem vai ver Osaka.

● No próximo leilão da Petite Galerie, entre outras curiosidades, o último quadro de Raymond de Oliveira — uma entrada de Cristo em Jerusalém, tela inacabada pelo suicídio do saudoso pintor.

● Em Cabo Frio, felizes e queimados, produzindo muito, Djanira, José de Dome, Jean Guilomme; vendem tudó, tomam banho de mar, de sol, bebem uísque e nem querem falar da volta. Djanira viaja para a Europa.

Salão Moderno: votação

Dia 30, às 16 horas, a votação para o terceiro membro do júri do XIX Salão de Arte Moderna, a ser inaugurado no Museu de Arte Moderna, dia 15 de maio. Local Salão Nobre da Escola de Belas-Artes. Somente os artistas que já tenham participado de pelo menos um salão poderão votar. Divulgaram que votariam os artistas inscritos, mas a lei que rege o salão é clara: participante de um salão. Fazem parte do júri, indicados pela Comissão Nacional de Belas-Artes e aprovados pelo ministro Passarinho, o pintor Lolo Persio, a crítica Edyla Mangabeira Unger; os artistas votarão no seu representante, terceiro membro, num sistema regulado por lei — dois representantes do governo e um dos artistas.

CM 28-4-1970